

MULHERES E RESILIÊNCIA: TECENDO REDES SOLIDÁRIAS NO SEMIÁRIDO

Lourivânia Soares Santos¹

Resumo: O presente texto objetiva visibilizar a construção da resiliência de mulheres do semiárido baiano buscando entender como a cooperação e a organização podem contribuir no enfrentamento das desigualdades sociais e de gênero, a partir da articulação em redes de solidariedades que se conectam local e globalmente na promoção do desenvolvimento sustentável e do empoderamento feminino. Para isso, toma-se como referência a Plataforma de Mulheres de Base Praticantes de Resiliência, articulada pela Rede Pintadas (Pintadas/Ba) e vinculada à organização global Huairou Commission. A partir de uma abordagem qualitativa, das discussões e reflexões teóricas empreendidas na relação entre cultura e desenvolvimento, bem como dos conceitos de redes sociais, é possível compreender o papel dessas estratégias na desconstrução da cultura patriarcal e no fomento ao protagonismo das mulheres.

Palavras-chave: mulheres, resiliência, redes, cultura, desenvolvimento

1. INTRODUÇÃO

Historicamente, as mulheres vivenciam um conjunto de opressões e barreiras que se manifestam de forma muito expressiva nas desigualdades sociais, econômicas, políticas e culturais. No Brasil, particularmente, desde 2015, as mulheres vêm sentindo mais fortemente as consequências da crise econômica e dos retrocessos sociais que impactaram a sua vida (TEIXEIRA, 2021). De acordo com dados do IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), a participação feminina no mercado de trabalho caiu 50,6% durante a pandemia, menor índice desde 1990. Por outro lado, as mulheres tiveram uma sobrecarga de trabalho doméstico e de cuidados, como aponta a pesquisa Sem Parar². Segundo a referida pesquisa, 50% das mulheres brasileiras passaram a

¹ Jornalista. Mestre e Doutora em Cultura e Sociedade/UFBA. Pesquisadora do Centro de Estudos Multidisciplinares em Cultura (CULT/UFBA). lourivania@yahoo.com.br

² Pesquisa realizada pela Sempre Viva Organização Feminista (SOF) e pela Gênero e Número com o objetivo de conhecer as dimensões do trabalho e da vida das mulheres durante a pandemia. A pesquisa aborda eixos como os efeitos da crise da saúde e do isolamento social sobre o trabalho, a renda das mulheres e a sustentação financeira, o trabalho doméstico e o de cuidado. Disponível em <http://mulheresnapandemia.sof.org.br>

cuidar de alguém na pandemia e 72% delas perceberam que aumentaram as necessidades de monitoramento, companhia e apoio a crianças, idosos ou pessoas com deficiência. dado que chama a atenção é a elevação dos índices de feminicídio em 2020, cerca de 22% a mais, entre os meses de março e abril do ano anterior, tendo sido analisados 12 estados pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

Se por um lado, a pandemia do novo Coronavírus expôs a dura realidade vivenciada pelas mulheres no Brasil contemporâneo, há tempos elas vêm criando estratégias de sobrevivência diante da negação de direitos e da ausência de políticas públicas que garantam vida digna e cidadã. Em se tratando das mulheres rurais do semiárido, as dificuldades são ainda maiores, tendo em vista outros fatores como as questões climáticas/ambientais, a falta de acesso à água, a invisibilidade do trabalho produtivo e da contribuição econômica, a pouca conectividade e acesso às tecnologias digitais.

Neste contexto de tantas adversidades, os movimentos sociais e populares, as comunidades eclesiais de base, os sindicatos de trabalhadores e trabalhadoras rurais e os movimentos de mulheres vêm funcionando como espaços da luta política e da auto-organização onde é possível experimentar novas relações de poder e construção coletiva, mas também de reivindicação de pautas políticas, identitárias e do conjunto da sociedade. Mas, para além das disputas e enfrentamentos locais, as mulheres também têm articulado forças mundo afora, o que “ultrapassou o âmbito das suas comunidades e mesmo as fronteiras nacionais para estabelecer alianças cada vez mais consolidadas, persistentes e plurais a nível regional e internacional” (BORDALO; PENA, 2020).

Esse artigo busca refletir como as mulheres tem buscado construir saídas para superar a exclusão e opressão impostas por uma cultura secular através de redes solidárias e movimentos feministas a fim de evidenciar a potencialidade desses processos enquanto estratégias de resiliência, luta por transformação social e equidade de gênero. Neste sentido, pretende-se abordar a iniciativa da Plataforma de Mulheres de Base Praticantes de Resiliência, articulada pela Rede Pintadas como mais uma ferramenta de apoio e sustentação. Antes, porém, é necessário se fazer algumas considerações sobre a trajetória do movimento de mulheres de Pintadas e seu papel no desenvolvimento da Rede Pintadas.

2. RESILIÊNCIA FEMININA NO SEMIÁRIDO

Assim como os cactos que formam a paisagem semiárida, as mulheres de Pintadas sempre construíram com resiliência as suas histórias de vida e ocupam papéis importantes na luta política do município. A palavra resiliência comporta múltiplos significados e tem sido amplamente empregada em diversos campos. Sua origem está relacionada ao latim, de resilio, o que significa voltar a saltar, reanimar-se. Seja nas ciências exatas, humanas ou biológicas, entende-se que ela representa a capacidade de resistência diante de uma pressão, de uma situação ou necessidade de adaptação. Conforme Arciniega (2013), pode-se agrupar as definições de resiliência em três categorias: como estabilidade (capacidade de permanecer íntegro diante de uma situação difícil; recuperação (capacidade de se refazer após uma situação adversa) ou transformação (capacidade de resistir e sair mais fortalecida e transformada positivamente da experiência).

Pintadas está situada no Território da Bacia do Jacuípe, conta com uma população de pouco mais de 10 mil habitantes e vive o predomínio de secas durante grande parte do ano. Por essa razão, e pela ausência de políticas públicas que marcaram a história do Nordeste e impulsionaram a migração para a região sudeste do país, a maioria das mulheres assumia a chefia da família, o cuidado com os filhos, com a roça e com a comunidade. E foi nesse ambiente que elas foram despertando a consciência e a liderança para o movimento social, bem como para a importância da luta por seus direitos.

Essa participação mais ativa também foi estimulada ainda nos anos 80, período no Brasil de grande efervescência dos setores populares, através das comunidades eclesiais de base (CEBs). Mas, somente nos anos 1990, as lideranças femininas em Pintadas começam a se articular de forma mais organizada para construir espaços próprios de diálogo e participação política na sociedade, passando a se identificar como “Movimento de Mulheres de Pintadas”. Neste período começam a reivindicar espaços institucionais, contribuindo decisivamente para a eleição de lideranças oriundas do movimento. Na eleição de 1996 ajudaram a eleger a primeira mulher a ocupar a cadeira

do executivo municipal, a missionária da Igreja Católica Neusa Cadore (PT), e no pleito seguinte, além da reeleição da prefeita, contribuíram para formar 40% de mulheres na Câmara Municipal, um fato inédito na cidade.

Em 1999, o Movimento de Mulheres cria a Associação das Mulheres (AMP), com a finalidade de buscar autonomia econômica, promover mais igualdade nas relações de gênero e ampliar a participação feminina nas tomadas de decisões locais. Um exemplo foi a luta pela melhoria do atendimento à saúde da mulher, pela preservação do meio ambiente e contra a incidência de impostos que pesavam no bolso da população, como a taxa de iluminação pública. Além disso, destaca-se o protagonismo na luta pela água. Eram as mulheres as que mais penavam ao ter que percorrer grandes distâncias com a lata na cabeça para garantir o abastecimento de água para uso doméstico. Foi graças à mobilização da categoria que a água foi escolhida como prioridade do orçamento público durante o primeiro Congresso Popular realizado pela prefeitura de Pintadas no ano de 1997. O referido Congresso foi uma espécie de orçamento participativo, uma experiência em que os cidadãos e cidadãs pintadenses puderam participar da consulta sobre os investimentos do governo.

Importante registrar que esse movimento e a série de ações implementadas com apoio da Rede Pintadas, de organizações regionais, de parcerias internacionais e da prefeitura, em menos de uma década Pintadas tornou-se o primeiro município do Nordeste a efetivar em 100% a cobertura hídrica da zona rural. A conquista não representava somente mais qualidade de vida para as pessoas, em especial das mulheres, mas também um elemento representativo de autonomia e liberdade ao povo do sertão, visto que a água foi moeda de troca e clientelismo eleitoreiro durante muito tempo.

Outras marcas do movimento de Mulheres são a construção do empreendimento “Delícias do Sertão”, que congrega padaria, restaurante e lanchonete, gerido e administrado pela Associação de Mulheres, e a fundação da Cooperativa Ser do Sertão, voltada para a organização das famílias agricultoras, a formação para a adaptação às mudanças climáticas e o aproveitamento das frutas nativas do semiárido. Além dessas iniciativas, também fomenta e assessora projetos produtivos e da economia solidária na perspectiva da geração do trabalho, renda e autonomia econômica.

A Associação de Mulheres não desenvolve suas ações de forma isolada. Ela ajudou a fundar e integra a chamada Rede Pintadas, uma rede de organizações sociais, associações e cooperativas que atua de forma articulada com vistas à promoção do desenvolvimento local e territorial. Criada em 1999 como um fórum de deliberações e registrada como entidade jurídica em 2003, sob a denominação de Associação das Entidades de Apoio ao Desenvolvimento Sustentável de Pintadas, a instituição reúne filiadas que convergem em diversas frentes de luta: econômica, religiosa, cultural, social, dentre outras.

As redes, na acepção da palavra, podem ser definidas como um conjunto de elementos que se interligam e se conectam a partir de fios que se entrelaçam formando um todo. Neste sentido, a Rede Pintadas pode ser caracterizada como uma teia de organizações que vai sendo tecida a partir do sonho e do desejo de transformação da realidade. Considerando as ideias de Scherer Warren (2008), uma prática dialógica que pode reverter na construção de pautas para as políticas emancipatórias que conectam as várias particularidades dos indivíduos em redes, contribuindo para a transformação dos indivíduos participantes em sujeitos de direito.

Sem desconsiderar as especificidades de cada entidade integrante, e em sintonia com a experiência em análise, é possível corroborar com a explicação que caracteriza esses movimentos como:

redes sociais complexas, que transcendem organizações empiricamente delimitadas, e que conectam, simbólica e solidaristicamente, sujeitos individuais e atores coletivos, cujas identidades vão se construindo num processo dialógico (SCHERER-WARREN, 2007, p. 36)

As demandas por soluções para os problemas sociais e o conjunto de experiências inovadoras agregou a Rede Pintadas a diversos parceiros regionais, nacionais e internacionais que contribuíram na execução de programas e projetos, inclusive ações reconhecidas e premiadas nacionalmente. Destaca-se, dentre as atividades, o Projeto Adapta Sertão, programa inédito e reconhecido mundialmente, que viabilizou estratégias e tecnologias sociais, com uso de energia renovável, para adaptação às mudanças climáticas no campo da agricultura familiar. O projeto

promoveu a estruturação das propriedades para a produção de alimentos também durante as secas ou estiagem prolongada, preservação do meio ambiente e reflorestamento, organização dos produtores através do cooperativismo e incidência nas políticas públicas. Tais ações, por exemplo, impactaram diretamente na vida das mulheres, oportunizando a viabilidade da produção agrícola, empoderamento político e social, promovendo mais autonomia econômica e segurança alimentar.

3. A REDE DE COOPERAÇÃO E A PLATAFORMA DE MULHERES DE BASE PRATICANTES DE RESILIÊNCIA

Como já mencionado, desde a década de 1980, as mulheres de Pintadas vêm se organizando com a participação mais efetiva nos processos de luta, construindo ações coletivas de resiliência em prol do desenvolvimento. Com a construção da Rede Pintadas foi possível atuar de forma mais planejada na construção e execução de várias pautas relativas ao desenvolvimento sustentável, a partir do paradigma da convivência com semiárido, dos princípios da economia solidária e do cooperativismo. Ao longo desse tempo, a Rede Pintadas tem desenvolvido programas voltados para o empoderamento social e econômico das mulheres; inclusão social da juventude através da cultura e comunicação; de segurança hídrica, alimentar e nutricional para famílias em situação de vulnerabilidade; além de ações para o fortalecimento e sustentabilidade da agricultura familiar.

As ações executadas pela Rede Pintadas tiveram o apoio de um conjunto de entidades internacionais, conforme quadro a seguir, algumas das quais ainda se mantêm como apoiadoras:

INSTITUIÇÕES PARCEIRAS INTERNACIONAIS DA REDE PINTADAS	
IL CANALE	Itália
DED – Deutscher Entwicklungsdienst (ou Serviço Alemão de Cooperação Técnica e Social)	Alemanha
DISOP – Dienst voor Internationale Samenwerking aan Ontwikkelingsprojecten (ou Organização para a Cooperação)	Bélgica

Internacional a Projetos de Desenvolvimento)	
Comunita Montana (13 cidades associadas em torno da Província de Régio Emília)	Itália
Peuples Solidaires	França
MIVA – MISSIONARY VEHICLE ASSOCIATION	Holanda
AVSI – Associazione Volontari per il Servizio Internationalle Kindermissionswerk Alemanha CastelNovo Monti (Prefeitura italiana) Itália	Itália
SIMFR – Solidarité Internationale des Mouvements Familiaux de Formation Rurale (ou Associação Internacional dos Movimentos de Formação Rural)	Bélgica

No que se refere à articulação das mulheres, a Rede Pintadas há mais de uma década vem implementado ações pontuais em parceria com a organização global Huairou Commission, principalmente em questões voltadas para o debate sobre as mudanças climáticas e os impactos de gênero. A Huairou Commission é uma coalizão internacional de mulheres chamada Huairou Commission, formada por organizações de 50 países. Foi fundada em 1995, por ocasião da 4ª Conferência Mundial sobre a Mulher realizada em Pequim, com a missão de empoderar mulheres líderes de base para fortalecer suas práticas de desenvolvimento comunitário e transformar as políticas públicas em níveis local, nacional, regional e global.

A Rede é composta por lideranças femininas de diversos continentes com suas especificidades, mas que se unem em torno de objetivos comuns no enfrentamento das desigualdades de gênero, a iniciativa impulsiona e incentiva a participação efetiva das mulheres nos processos sociais, contribuindo na promoção de práticas de desenvolvimento equitativas e sustentáveis, na construção de redes de apoio e redução efetiva da pobreza.

As questões da solidariedade entre sujeitos coletivos, do reconhecimento a partir ou apesar de suas diferenças e a abertura ao pluralismo democrático são fundamentais para que ocorra a transformação das demandas particulares em pautas políticas que dizem respeito a um conjunto de exclusões sociais que operam numa mesma ordem ou lógica sistêmica (SCHERER WARREN, 2008, p. 509).

Isso não quer dizer, alerta Scherer, que não haja tensões decorrentes dos interesses específicos e das concepções político-ideológicas, mas que são desafios a serem superados no jogo da negociação.

Em fevereiro de 2018, a Huairou Commission se reuniu em Kuala Lumpur, Malásia, onde foram discutidas as bases para impulsionar o trabalho nas regiões, momento em que a Rede Pintadas foi integrada ao Conselho Regional da América Latina. No ano seguinte, foi então realizado um intercâmbio a Huairou Commission e a entidade brasileira com o objetivo de promover o fortalecimento institucional das entidades e a troca de experiências. Na ocasião, duas representantes da rede global, Maité Rodríguez (Guatemala) e Haydee Rodríguez (Nicarágua), estiveram em Pintadas e em Salvador, para participar de agendas com órgãos não governamentais e do poder público. A partir desse momento, foram firmados novos compromissos no sentido da implementação de ações de advocacy para posicionar as mulheres espaços-chaves nos espaços governamentais (locais e nacionais) e identificar de oportunidades de incidência política. Como parte da agenda, foi realizado um encontro no parlamento do estado da Bahia com a presença de lideranças femininas. Dentre as pautas discutidas os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS), o Marco de Sendai e a Nova Agenda Urbana das Cidades.

Com o fortalecimento da rede no continente sulamericano, e a partir do intercâmbio, a Rede Pintadas assumiu o desafio de desenvolver a Plataforma de Mulheres de Base Praticantes de Resiliência no Brasil, da qual fazem parte a Associação de Mulheres Pintadenses, a Cooperativa Ser do Sertão, a Rede de Mulheres de Pombos (em Pernambuco) e a União de Movimentos de Moradia Popular de São Paulo (São Paulo).

A Plataforma de Mulheres de Base é uma tecnologia social para o empoderamento das mulheres e ampliação das capacidades das líderes em dar respostas às questões inerentes à problemática das mulheres. Dentre as suas ferramentas metodológicas está o diamante da resiliência, uma estratégia voltada para fomentar e fortalecer a liderança das mulheres e as capacidades de estabelecer efetiva participação nas tomadas de decisões, sendo agentes de mudança na construção do desenvolvimento de forma resiliente.



Figura. Esquema do Diamante da Resiliência

O diamante de resiliência consiste em quatro elos que são mutuamente reforçados de forma holística: 1) fortalecer a organização e liderança das mulheres de base na promoção do desenvolvimento; 2) promoção do desenvolvimento local por meio de iniciativas lideradas por mulheres; 3) construção de redes de relacionamento com outros movimentos, organizações e entidades; 4) incidência política e influência na construção dos processos públicos.

3.1 UMA PLATAFORMA EM CONSTRUÇÃO

Boaventura Santos (apud Scherer, 2008), assegura que “o potencial antissistêmico ou contra-hegemônico de qualquer movimento social reside na sua capacidade de articulação com outros movimentos, com as suas formas de organização e os seus objetivos”. Neste sentido, a participação da Rede Pintadas na Huairou Commission tem possibilitado às mulheres estabelecerem importantes conexões em apoio às suas lutas.

A Plataforma de Mulheres de Base Praticantes de Resiliência no Brasil, em processo de construção, vem se configurando como uma rede de movimentos de lideranças femininas que atua na perspectiva de construir, fomentar e fortalecer

estratégias coletivas de enfrentamento das desigualdades de gênero visando o empoderamento das mulheres, a participação efetiva nos espaços de poder e decisão, a incidência política, a justiça econômica, o combate à violência doméstica, a promoção da resiliência ambiental e da sustentabilidade no contexto das mudanças climáticas, a luta pela terra, direito à habitação e redução dos riscos de desastres.

Esse trabalho vem se concretizando por meio da socialização e compartilhamento de experiências de impacto local bem sucedidas, na mobilização e capacitação das mulheres para exercer o papel de liderança nas suas comunidades, na construção de parcerias para resolução de problemas, nas ações de incidência política junto às autoridades e governos para influenciar a tomada de decisões, dentre outras iniciativas.

A institucionalização da Plataforma de Mulheres Praticantes de Resiliência de Base no Brasil, em 2020, se estrutura num momento de ascensão da extrema direita no poder e do aprofundamento das desigualdades sociais históricas. A eleição do presidente Jair Bolsonaro interrompeu ciclo de transformações, resultado da implantação de políticas públicas de distribuição de renda, de ampliação do acesso à educação e à cultura, de valorização do rural, de tecnologias sociais de acesso à água, de energia elétrica e moradia popular e da construção de um modelo de desenvolvimento sustentável.

A crise político-econômica que já estava em curso, o desmonte das políticas públicas, as consequências da pandemia da Covid-19, com impacto também violento sobre a vida das mulheres, exigiram capacidade popular de reinvenção e de solidariedade na esperança de construir a transformação social. Uma empreitada que também passa pela ocupação pela desconstrução da cultura machista e patriarcal. A Plataforma de Mulheres de Base Praticantes de Resiliência tem o compromisso e desafio de contribuir para mudar essa realidade, promovendo a resistência e com a participação efetiva das mulheres, será possível construir uma sociedade mais justa e igualitária, com respeito, liberdade e garantia plena de direitos.

Neste sentido, acredita-se que a luta das mulheres atravessa qualquer fronteira e sendo capaz de agregar as pautas feministas em toda a sua diversidade “a sua força como parte de um movimento transnacional é polifônica, se constrói a partir das

conexões entre formas de resistência às violências patriarcais, coloniais e capitalista” (BORDALO; PENA, 2020).

A Plataforma de Mulheres de Base Praticantes de Resiliência pretende fortalecer as ações lideradas pelas mulheres que integram a rede, a exemplo das mobilizações em defesa da democracia, da formação política, do enfrentamento à violência, das ações de geração de trabalho e renda, fortalecimento da segurança alimentar e nutricional, bem como as ações de enfrentamento à Covid-19.

Dentre as iniciativas já em andamento que resultam da parceria com a Huairou Commission destacam-se a implementação do Fundo de Resiliência Comunitário em parceria com o Centro Público de Economia Solidária, vinculado à Secretaria do Trabalho, Emprego, Renda e Esporte (SETRE), e gerido pela Rede Pintadas. O Centro atende empreendimentos solidários da Bacia do Jacuípe dos quais mais de 90% são constituídos por maioria feminina. O Fundo de Resiliência operado pela Huairou Commission em 21 países e que visa canalizar recursos para grupos organizados que vivem em áreas empobrecidas e vulneráveis a desastres, possibilitando apoio para compra de insumos, melhoria da produção e acesso à equipamentos.

Outra iniciativa é o projeto “Vozes Mulheres”, um projeto que pretende romper com a invisibilidade e valorizar a contribuição feminina no processo de desenvolvimento de Pintadas. A ação integra um programa da Plataforma de Mulheres de Base do Brasil, com apoio da Agência Sueca de Cooperação para o Desenvolvimento Internacional (SIDA) e, paralelo, busca formar novas lideranças jovens que são capacitadas na execução do projeto, participando de todas as etapas de reconstrução da memória, desde a produção, captação das entrevistas e a escrita dos textos. Cerca de 40 mulheres foram listadas para participar da pesquisa recontando sua história no processo local, representantes de associações e cooperativas, professoras, lideranças políticas e agricultoras, dentre outras.

Além das ações em curso, também podem ser elencadas o desenvolvimento da Escola de Liderança para Adaptação às Mudanças Climáticas, que teve como público-alvo jovens estudantes universitários e culminou com a realização de diversas oficinas sobre os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável. Também foram realizadas as sobre a Plataforma Diamante e com tema Mulheres e Resiliência Comunitária, ambas com o

objetivo de socializar e capacitar as mulheres para a consolidação da Plataforma de Mulheres de Base do Brasil.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A atuação em forma de redes de cooperação tem sido uma das estratégias adotadas pelos movimentos populares ao longo da história, mas foi amplamente fortalecida a partir das novas tecnologias que propiciam conexões globais. Neste sentido, o texto buscou compartilhar a experiência que tem sido desenvolvida pela Plataforma de Mulheres de Base Praticantes de Resiliência do Brasil e a organização internacional Huairou Commission, que atua em 45 países, no enfrentamento das desigualdades de gênero e

A partir das reflexões, é possível afirmar que participação das mulheres em redes de cooperação (local e global) tem ajudado a fortalecer a luta em defesa dos direitos e a construir uma agenda de desenvolvimento que dialoga a partir de realidades diferentes, mas que comungam de pautas comuns. As redes funcionam como espaço inovador de construção coletiva, de aprendizado e de partilha no qual as mulheres renovam a esperança e a utopia na perspectiva da igualdade de gênero e da transformação social.

REFERÊNCIAS

ARCINIEGA, Juan de Dios Uriarte. La perspectiva comunitaria de la resiliencia. *Psicología Política*, Nº 47, Revista Dialnet, 2013. Disponível em: *Psicología Política*. 2013, Nº. 47 - Dialnet (unirioja.es). Acesso em: 30 abril 2021

HUAIROU COMMISSION. CONSEJO REGIONAL AMÉRICA LATINA INFORME DE TRABAJO 2018-2019.

_____. *Grassroots Women's Leadership Development Plan Proposal*, 2019

BORDALO, Caroline; PENA, Mariela, 2020). Feminismos periféricos e campesinato: resistências ao neoliberalismo. Disponível em: <https://diplomatie.org.br/feminismos-perifericos-e-campesinato-resistenciao-neoliberalismo/>

PNAD Contínua Trimestral: desocupação cresce em 10 das 27 UFs no 3º trimestre de 2020 Disponível em:< <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-denoticias/releases/29519-pnad-continua-trimestral-desocupacao-cresce-em-10-das-27-ufs-no-3-trimestrede-2020>>. Acesso em 30 abril 2021

NÚMERO E GÊNERO, SOF- SEMPREVIVA ORGANIZAÇÃO FEMINISTA. Sem Parar. O trabalho e a vida das mulheres na pandemia. Disponível em: mulheresnapanemia.sof.org.br. Acesso em 30 abril 2021

PLATAFORMA DE MULHERES DE BASE DO BRASIL – DOCUMENTO, 2020

SCHERER-WARREN, I. Redes Sociais: trajetórias e fronteiras. In: DIAS, L. C.; SILVEIRA, R. L. L. Redes, sociedades e territórios. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2007. p. 29-50.

____ REDES DE MOVIMENTOS SOCIAIS NA AMÉRICA LATINA. Caminhos para uma política emancipatória? CADERNO CRH, Salvador, v. 21, n. 54, p. 505-517, Set./Dez. 2008

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19. Disponível em:<https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2018/05/violencia-domestica-covid-19-v3.pdf>. Acesso em 30 abril 2021